

O romance de testemunho e a reescritura da história

Elda Firmo Braga (UFF)

Antes da chegada dos conquistadores à América, a maior riqueza dos Incas era a terra. Desde aquela época até a atualidade, a terra possui uma importância muito grande para as comunidades indígenas. Por conta do vínculo dos índios com a agricultura, existe um grande problema latente no Peru, como também em diversas regiões latino-americanas, motivado pela concentração da terra nas mãos de poucos.

O escritor peruano José Carlos Mariátegui considera que o maior problema do índio peruano está fundamentado na forma de repartição e de privilégio exclusivo e individual da terra, gerados pelo latifúndio; para ele, as comunidades indígenas não alcançarão justiça enquanto prosseguir esse sistema econômico, como podemos demonstrar com suas palavras no livro *7 Ensaios de interpretação da realidade peruana*: “As manifestações do feudalismo sobreviventes são duas: latifúndio e servidão. Manifestações solidárias e consubstanciais, cuja análise nos leva a conclusão de que não é possível acabar com a servidão que pesa sobre a raça indígena, sem extinguir o latifúndio.” (MARIATEGUI, 2004, p. 34)

No decorrer da história peruana, muitos conflitos foram gerados por causa da luta entre o uso individual e coletivo da terra e, também, por conta da exploração e violência patrocinada pelo poder dominante em relação à resistência e à busca de libertação por parte

dos indígenas. O resultado destas batalhas foi sempre o uso da força, coação, agressão e massacre sofridos pela coletividade, representada pelos índios

Entre 1950 e 1962, os conflitos se acentuaram na região dos Andes central, porém os jornais peruanos retratavam muito superficialmente os embates existentes ali e quando o faziam era de maneira totalmente distorcida.

O escritor e jornalista peruano Manuel Scorza possuía um amplo conhecimento sobre a manipulação das notícias vinculadas nos meios de comunicação. Incomodado com a forma em que eram vinculadas as poucas informações sobre as lutas pela recuperação da terra pelos indígenas e dos massacres que ocorriam por conta dessas batalhas, o escritor partiu em direção a região andina com o propósito de conhecer mais de perto a verdadeira realidade existente ali. Ao tomar conhecimento das conseqüências drásticas da luta solitária organizada pelos índios contra a fome, a miséria e a violência, o autor relata, de acordo com suas palavras na introdução do livro *Cantar de Agapito Robles*, que chegou à conclusão de que em alguns lugares do Peru existem cinco estações ao ano: primavera, outono, inverno, verão e massacre (SCORZA, 1977, p. 22).

Manuel Scorza decidiu que romperia o silêncio e denunciaria as injustiças que ele presenciou, voltou para Lima com o intuito de revelar a situação, porém suas preocupações não foram levadas a sério pela sociedade limenha. Por causa de sua atitude, sofreu perseguição política e teve de partir para o exílio. Ao perceber que não

podia contar com a História oficial, o escritor então resolveu recorrer à ficção, já que, para ele, a literatura era o verdadeiro e único veículo que o permitiria narrar com total liberdade os fatos históricos.

Scorza tenta, em seus livros, fazer com que a história vivida esteja refletida na história escrita, pois, segundo Maurice Halbwachs, no livro *A memória coletiva*, a história vivida nem sempre corresponde à história escrita e, ainda de acordo com Halbwachs, “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p. 60).

Foi com esse propósito que começou a produzir vários romances que serviram para expressar os problemas sociais do Peru, denunciar e combater as injustiças, de testemunho e de memória, para que os episódios ocorridos ali não caíssem no esquecimento, como palavras pronunciadas por um dos personagens de seu livro *História de Garabombo, o Invisível*: “O homem morre [...]. O homem não fica para semente como a batata. Mas morreremos lutando e ninguém cuspirá em cima da nossa memória!” (SCORZA, 1975, p. 152).

O conjunto desses romances que retratam as injustiças e massacres que vitimaram os indígenas dos altiplanos peruanos é composto de cinco livros conhecidos como ciclo da *Guerra Silenciosa* ou ciclo *balada*: *Bom dia para os defuntos*; *História de Garabombo, o Invisível*; *A balada do Ginete Insonne* ou *Uma viagem mais longa que a vida*; *Balada quarta* e *A Tumba do relâmpago*.

O segundo livro dessa série, *História de Garabombo, o Invisível*, relata uma história de injustiça protagonizada pelos índios dos

Andes peruanos que lutavam pela recuperação de suas terras nos anos 50 do século XX. Essa batalha culminou em um massacre, que vitimou centenas de pessoas mortalmente. Em virtude da retratação de fatos históricos, a obra pode ser considerada como romance de testemunho ou de memória coletiva, porque, além de narrar episódios não privilegiados pela mídia ou pela história oficial, permite que esses eventos se perpetuem através da literatura para que ninguém se esqueça dos fatos ocorridos e para revelá-los a todo momento a partir de cada novo leitor e de cada nova leitura.

O epíteto do personagem principal do romance de Scorza é “o Invisível”, fato que aponta para essa reflexão sobre a visibilidade e demonstra a preocupação em tornar visíveis as comunidades marginalizadas que não tem vez e nem voz, vítimas das injustiças sociais, marginalizadas ou excluídas da sociedade.

Para Halbwachs, a história diferencia-se da memória coletiva porque a segunda “É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites desse grupo.” (HALBWACHS, 1990, p. 81). O papel de Scorza foi ampliar o alcance da memória coletiva e localizada, pois os acontecimentos regionais narrados em seus livros ganharam projeção nacional e internacional, como também romperam com o tempo, já que a literatura, como uma expressão artística, desempenha, entre outras, a função de eternizar um momento, uma história, nesse sentido todas

as obras de arte apresentam algum vínculo com a memória. Desta maneira, Scorza ultrapassa e rompe com o espaço e com o tempo.

Já no prólogo do romance está explícita a intenção do autor de retratar a luta dos índios peruanos pela terra: “Dezoito meses depois do massacre de Rancas, a comunidade Yanahuanca, comandada por Fermín Espinosa, o Garabombo, invadiu e recuperou os quase inabarcáveis territórios das fazendas Uchumarca, Chinche e Pocayán. Era o alvorecer da grande epopéia andina que liquidaria com o feudalismo no centro do Peru!” (SCORZA, 1975, Prólogo). Ainda no prólogo, Manuel Scorza “noticia” que seu romance, *História de Garabombo, o Invisível*,

[...] é também um capítulo da Guerra Calada em que se defrontam, há séculos, a sociedade nativa do Peru e os sobreviventes das grandes culturas pré-colombianas. Centenas de milhares de homens [...] caíram travando essa luta desesperada. Os historiadores quase não registram a atrocidade nem a grandeza desse combate desigual que, pela enésima vez, ensangüentou as cordilheiras de Pasco em 1962. (SCORZA, 1975, Prólogo)

De fato, seus romances alcançam uma grande repercussão social tanto em países estrangeiros como dentro do Peru, a ponto de o presidente da República na época, Velasco Alvarado, ordenar, em 1971, a saída da prisão de uma das vítimas da violência, Héctor Chacón, que aparece no romance *Bom dia para os defuntos* (título original de *Redoble por Rancas*) com o nome de Nictálope. Outro exemplo do poder de alcance da literatura se deu quando no momento em que a reforma agrária foi retomada no Peru começou justamente pela

região de Rancas, espaço narrativo da primeira obra do ciclo da guerra silenciosa.

O atual regime agrário existente em muitas partes da América Latina, retratado também na narrativa de Scorza, além de nos remeter ao tempo do feudalismo medieval europeu, como no seguinte fragmento do romance: “Os caminhos da província estão fechados, Menininho. Ninguém passa sem autorização. Nem sequer se pode atravessar de fazenda em fazenda. Ninguém circula.” (SCORZA, 1975, p. 85), também nos faz lembrar do período de escravidão da época colonial. Os próprios personagens da obra fazem essa relação:

Irmãos, para nós é triste ter um corpo bom e ser, segundo acredito, de boa raça e ao mesmo tempo escravo. (SCORZA, 1975, p. 139)

Nós vivemos sujeitos aos caprichos do fazendeiro. (SCORZA, 1975, p. 139)

Não somos livres: Somos escravos. Livre é o senhor Condor: nós somos animais amarrados. Pensem!. (SCORZA, 1975, p. 139)

De acordo com Glauber Rocha, em nota de introdução presente no DVD extra de *Deus e o diabo na terra do sol* (ROCHA, 2003), há um provérbio popular no nordeste que traz a seguinte premissa: “Deus criou o mundo e o diabo o arame farpado”; a cerca de arame farpado representa, no espaço rural latino-americano, o latifúndio e, ao mesmo tempo, um símbolo da desigualdade social. A cerca também é um elemento que aparece no romance como algo que deve ser

superado na luta contra a propriedade privada da terra e a favor do uso coletivo da mesma:

Acabou o tempo em que os prepotentes gritavam ‘o mundo é meu’ Todas as cercas cairão. Ninguém nos segura! (SCORZA, 1975, p. 138)

Os fazendeiros se queixam que vocês quebraram cercas e se apoderaram de milhares de hectares. Seus patrões choram as perdas. Dizem que só de arame perderam cinco milhões. (SCORZA, 1975, p. 160)

Após essas considerações gerais sobre a obra, cabe-nos agora a seguinte indagação: como Mario Scorza constrói sua narrativa com o desígnio de retratar a realidade peruana?

O autor utiliza vários recursos para denunciar a exploração e os abusos sofridos pelas comunidades indígenas e também para resgatar a lutas desse povo do esquecimento. Une realidade e magia, história e ficção. Constrói uma narrativa que rompe a fronteira dos gêneros, pois apresenta características do romance, da tragédia, da comédia, da epopéia, do cantar de gesta, do gênero epistolar, da crônica, da fábula, da poesia, da biografia. Utiliza recursos do *Boom* hispano-americano como a narrativa fragmentada, não-linear. Faz uso do humor, da ironia, da irreverência, da sátira, da paródia, da picaresca, da lenda, do alegórico, do onírico, da loucura, da religiosidade.

A seguir, destacamos, dentre vários elementos existentes na obra, alguns dos recursos utilizados por Scorza no romance *História de Garabombo, o Invisível*.

O livro descreve a realidade emaranhada com o fantástico. Empregar elementos míticos da cultura indígena e também cria mitos literários. O uso de recursos fantásticos permite que o autor crie e recrie várias situações como ressuscitar muitas vítimas em sua obra com os seus nomes originais, uma vez que esses não poderiam sofrer nenhum tipo mais de retaliação, os personagens reais que seguiam vivos tinham seus nomes preservados. O autor une o realismo com a fantasia, parte de fatos reais e acrescenta o mito e o mítico, reconstruindo, dessa maneira, a História; ao mesmo tempo em que converte seus livros em um testemunho da realidade latino-americana.

Na literatura clássico-grega, o oráculo era utilizado para prever o futuro, enquanto que no romance *História de Garabombo, o Invisível*, a folha da coca vai servir de instrumento para que os índios possam consultar e obter ajuda na hora de tomar uma decisão: “– Que pensam fazer” / “– Vamos nos consultar com a coca – respondeu Baustillos.” (SCORZA,1975, p.59); ao mesmo tempo em que antecipa eventos que ocorrerão brevemente: “– Porque não nos consultamos?” / “– Minha coca é amarga!” / “– Minha coca também é pontuada! Anuncia o perigo!” (SCORZA,1975, p. 181). A coca sempre foi um elemento mágico na cultura indígena peruana; desde o tempo do Império Inca os nativos mascavam coca a fim de poder ter fôlego e resistência física para caminhar pelas alturas dos Andes.

O autor cria também um mito literário, figurado em um protagonista invisível que se converterá em símbolo do descaso das autoridades no que diz respeito às questões indígenas, já que a sociedade

se faz de cega, finge não vê-las e nem percebê-las, pois o poder político e econômico retratado no romance não enxergava o Garambombo e o povo que ele representava. Por outro lado, o protagonista tira proveito de sua suposta enfermidade para vencer o medo e a resignação dos camponeses, uma vez que, graças à sua condição de invisível, podia desviar-se das forças repressivas e liderar um movimento organizado para lutar pela recuperação das terras roubadas das comunidades indígenas. Portanto, Garambombo é um herói coletivo que simboliza a luta contra o latifúndio e pela dignidade.

A questão da invisibilidade está retratada no decorrer de todo o romance como podemos assinalar nos fragmentos abaixo:

- Não me viram.
- Mas eu vejo você!
- É que você tem nosso sangue, mas os brancos não me vêem. Passei sete dias sentado na porta da repartição. As autoridades iam e viam, mas não olhavam para mim. (SCORZA, 1975, p. 77)

Na prisão compreendia a verdadeira natureza de sua doença. Não o viam porque não queriam vê-lo. Era invisível como eram invisíveis todas as reclamações, os abusos e as queixas. (SCORZA, 1975, p. 143)

Assim, Scorza nestas obras é muito mais que um romancista ou cronista, pois, além de atuar como uma testemunha, também dá voz à comunidade indígena calada, silenciada.

Comprometido com a causa dos indígenas das serras peruanas, o autor ultrapassa as fronteiras literárias ao produzir uma série de romances nos quais questiona o valor da História oficial, privile-

giando a história não contada por essa área das ciências humanas, apresentando uma feroz crítica contra o modelo de nação peruana que se nega a incluir o elemento indígena; para tanto, usa a literatura como um instrumento político de combate aos problemas sociais, na defesa da causa indígena no Peru, na defesa da identidade e dos direitos desse povo. Scorza apropria-se da realidade, subvertendo-a para revelar, em um autêntico revisionismo histórico, fatos que não foram privilegiados pela História oficial e tampouco noticiados pela mídia da época. O autor busca, ainda, comprometer, através de sua obra, o leitor com a causa indígena, pois, no momento em que, ao ler o livro, uma pessoa passa a tomar conhecimento dos fatos revelados, torna-se cúmplice da denúncia e, também, testemunha de situações dramáticas, impregnadas das tragédias ocorridas nas comunidades indígenas peruanas, que se multiplicam por diversas regiões latino-americanas.

Referências Bibliográficas:

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

MARIATEGUI, José Carlos. 7 Ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo: Alfa Omega, 2004.

PERLADO, José Julio. Entrevista inédita (1979): Manuel Scorza. Universidade Complutense de Madrid. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero7/scorza.htm>

ROCHA, Glauber. Deus e o diabo na terra do sol (DVD). Rio de Janeiro, 2003.

SCORZA, Manuel. Cantar de Agapito Robles. Caracas: Monte Ávila, 1977.

SCORZA, Manuel. História de Garabombo, o Invisível. Tradução de Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.